

GEOGRAFIA E LITERATURA: UM ESTUDO DE FÉLIX GUATARI EM “A GUERRA DOS TRONOS”, DE GEORGE R. R. MARTIN

SHEILA PERES SODRÉ¹; LIZ CRISTIANE DIAS².

¹Universidade Federal de Pelotas – sheilaperessodre@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – liz.dias@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo trata da análise da obra “A Guerra dos Tronos” de George R. R. Martin tendo como parâmetros de análise a Ecosofia de Félix Guattari, que diz respeito aos “três registros ecológicos (o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana)”. Estando este conceito presente na obra “As três ecologias”.

Para problematizar os aspectos aqui analisados se utilizará como referencial teórico, além das duas obras já citadas, BOTELHO (2013), TOLEDO (2014) entre outros. A área do conhecimento na qual o estudo se enquadra é a das Ciências Humanas.

Objetiva-se analisar a obra “A Guerra dos Tronos” através dos três registros ecológicos de Félix Guattari. Problematicando o discurso presente nesta obra.

2. METODOLOGIA

Para realizar a presente análise, utilizar-se-á o método hermenêutico de interpretação do discurso. Pois, segundo GHEDIN; FRANCO (2011), este método compreende “uma forma de compreensão que expressa uma explicação do mundo num conjunto de significados que o explicitam em seu ser.”

De caráter qualitativo, a pesquisa partiu da análise do conteúdo da obra “A Guerra dos Tronos”, de George R. R. Martin, onde buscou-se identificar os “três registros ecológicos” de GUATTARI (1990).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Retratada em uma sociedade medieval, “A Guerra dos Tronos”, primeiro livro da saga As Crônicas de Gelo e Fogo, narra a disputa pelo Trono de Ferro, símbolo da união dos Sete Reinos que compõem o continente de Westeros. Para melhor entendermos o discurso por trás da narrativa do autor da obra. George R. R. Martin nasceu nos EUA, durante o pós-guerra, período em que “os homens deveriam retornar aos seus postos de trabalho (...) e as mulheres, (...), foram mandadas de volta ao confinamento do lar.” (TOLEDO, 2014).

Para analisar o primeiro registro, o do meio ambiente, será apresentada inicialmente a natureza que é descrita na obra utilizando-se a teoria do filósofo alemão Friedrich Nietzsche, sendo que

“Para ele, natureza não se restringe a esfera do inorgânico, tão pouco a esfera do orgânico. Não apenas rochas, solos, cristais, águas, montanhas e climas devem ser interpretados enquanto forças da natureza. Também, os animais, microorganismos, vegetação e, inclusive, o corpo humano.” (GOBBO, 2012)

Partindo disto, em “A Guerra dos Tronos”, pôde-se observar a presença de seres humanos como parte desta natureza já que ao descrever os bosques que cercam o castelo da família Stark, lendas dão conta que “os filhos da floresta tinham esculpido rostos nas árvores durante os séculos de alvorada, antes da chegada dos Primeiros Homens, vindos do mar estreito.” (MARTIN, 2010). No que tange a vegetação, as florestas e bosques ganham um sentido sobrenatural, sendo estes tanto locais habitados pelos deuses ou assombrados. Por último, a vida animal também é abarcada como parte desse todo, um exemplo disso é quando os Stark se deparam com a possibilidade de adotarem filhotes de uma loba. Advertidos pelo patriarca, Ned, seus filhos precisarão de proteção dos deuses se “negligenciarem, maltratarem ou treinarem mal esses animais.” (MARTIN, 2010).

Outra temática ambiental importante presente na obra, são os aspectos climáticos. O verão, estação do ano em que a história se passa já dura nove anos. Como as estações se apresentam também deve ser frisado, já que “neves do fim do verão” e “a manhã chegará, límpida e fria, com uma aspereza que sugeria o fim do verão.” (MARTIN, 2010) dão a entender que estas não são bem definidas. A narrativa de Martin ainda nos revela um clima de extremos, capaz de fazer um dos personagens perder “ambas as orelhas e um dedo, queimados pelo frio...” (MARTIN, 2010).

A relação do homem com a natureza, e os impactos gerados, é pouco trabalhada na obra, sendo que, a “destruição” do mundo se dará não pela relação destes, mas por causa de elementos naturais:

“E dizem que nas Terras das Sombras, para lá de Asshai, há oceanos de erva-fantasma, mais alta que um homem a cavalo e com caules tão claros como vidro leitoso. Mata todas as outras plantas e brilha no escuro com os espíritos dos condenados. Os dothrakis dizem que um dia a erva-fantasma cobrirá o mundo inteiro, e então toda a vida terminará.” (MARTIN, 2010).

Isto não impede, porém, a presença de uma visão colonialista na narrativa de Martin. Quando os dothrakis invadem terras já povoadas, mostra-se um cenário de destruição, onde estes “tinham rasgado a terra e esmagado o centeio e as lentilhas, enquanto arakhs e flechas semeavam uma terrível nova cultura e a regavam com sangue.” (MARTIN, 2010). Voltando-se para este capítulo da obra, os “Homens-Ovelhas”, são brutalmente executados e ainda caracterizados como “estranhos, atarracados e de rosto achatado, com os cabelos negros cortados curtos de forma estranha.” (MARTIN, 2010). Dá-se a entender que a violência direcionada a este povo está relacionada com sua “inferioridade”. Como explica BOTELHO (2013), “Culturas, grupos sociais e indivíduos são marcados, sedimentando na estrutura social pré-concepções que estão na raiz da identificação excludente, seletividade e extermínio.”

A questão estética, agora já adentrando o registro das relações sociais, se apresenta constantemente ao longo da obra. Na narrativa da personagem Arya, da Casa Stark, e irmã de Sansa, são atribuídos adjetivos que mostram o discurso sobre o que é considerado belo, geralmente a pele mais clara, como vemos abaixo:

“Sansa sabia costurar dançar e cantar. Escrevia poesia. Sabia como vestir-se. Tocava harpa e sinos. Pior: era bela. Sansa recebera as formosas maçãs do rosto altas da mãe e os espessos cabelos arruivados dos Tully. Arya saíra ao senhor seu pai. Os

cabelos eram de um castanho sem brilho, e o rosto, longo e solene.” (MARTIN, 2010).

Atentando a representação feminina na obra, o primeiro capítulo da personagem Daenerys narra o momento em que seu irmão a vende em casamento. O autor descreve que isto quebra uma tradição de séculos, pois os membros da família Targaryen se casavam entre si, sendo assim

“a pureza da linhagem devia ser mantida, que o sangue real era deles, o sangue dourado da antiga Valíria, o sangue do dragão. Os dragões não acasalavam com os animais do campo, e os Targaryen não misturavam seu sangue com o de homens menores.” (MARTIN, 2010).

Depois de vendida e casada com Khal Drogo, um dothraki, ocorre a entrega dos presentes de noiva de Daenerys. Esta recusa um arco de guerra, pois, “é um presente digno de um grande guerreiro, ah, sangue do meu sangue, e eu não passo de uma mulher. Que o senhor meu marido o use em meu nome.” (MARTIN, 2010). Ainda são ofertadas à Khaleesi, roupas, ovos de dragão e três aias com funções distintas: ensinar a montar; treinar na língua dothraki e a instruir nas artes do amor. Fica claro aqui, como explica BOTELHO (2013), a ideia de que a mulher é “o lado sensível, lascivo e natural que serve como mero objeto de contemplação, prazer ou de controle.”

Como afirma FERNANDES (2013), a análise de um discurso em uma obra literária “é acompanhada da necessidade de identificar a linguagem pelo qual ele é expresso e a estratégia narrativa”. Atentando a isso, observa-se a utilização da palavra “montar” para descrever um estupro, como durante o casamento de Daenerys, quando se assistia a apresentação de dançarinas, um dos guerreiros de Khal Drogo “entrou no círculo, agarrou uma dançarina pelo braço, atirou-a no chão e montou-a ali mesmo, como um garanhão monta uma égua.” (MARTIN, 2010). Em seguida, Martin narra que outro guerreiro quis a mesma mulher, o que gerou uma luta os dois homens, e que após a morte de um destes “o vencedor agarrou-se à mulher mais próxima – nem sequer aquela por quem tinha lutado e a possuiu ali mesmo. Escravos levaram o corpo para longe e a dança recomeçou.” (MARTIN, 2010). Nota-se que a narrativa é voltada aos personagens masculinos, deixando as mulheres em segundo plano ou mesmo ignorando-as.

Nos capítulos seguintes, a inferioridade feminina é reforçada na obra quando Daenerys, grávida, passa por um ritual na qual deve ingerir o coração de um garanhão, pois este

“tornaria seu filho forte, ágil e destemido, (...), mas só se a mãe conseguisse comê-lo todo. Caso se engasgasse com o sangue ou vomitasse a carne, os presságios eram menos favoráveis; a criança podia nascer morta ou, se sobrevivesse, podia vir fraca, deformada, ou mulher.” (MARTIN, 2010).

A personagem devora o órgão, o que é comemorado, já que a tradição dothraki afirma que o rebento será do sexo masculino. Ao fim da obra, com a morte de Khal Drogo e do filho que esperava, nascem dragões dos ovos recebidos em seu casamento. Estes tornam Daenerys a “Mãe dos Dragões”, relacionando a maternidade como uma “função feminina por excelência, concernente à natureza da mulher.” (MOURA; ARAÚJO, 2004).

Por fim, no campo da subjetividade, percebe-se que com a ascensão de governos de direita no Brasil, na década de noventa, ocorreu um intenso processo

de aculturação. Possibilitado principalmente pelos meios de comunicação como a TV e a Internet, que acabaram por introduzir no imaginário cultural do país outros elementos fantásticos em detrimento de lendas e mitos nacionais, como nos mostra HOEFLE (2009).

4. CONCLUSÕES

A relevância do presente estudo se dá porque através de uma aproximação entre a geografia e a literatura, pôde-se evidenciar a presença de um discurso colonialista em uma obra de fantasia. Mostrou-se que muito das narrativas presentes na obra de George R. R. Martin revelam o momento histórico e o pensamento da época no qual o autor cresceu.

Ao analisar o sucesso da série de livros e televisiva, observamos um processo de aculturação, o que tem levado, especialmente crianças e jovens brasileiros, ao consumo de obras de fantasia estrangeira em detrimento dos mitos e lendas nacionais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOTELHO, M. L. Colonialidade e forma da subjetividade moderna: a violência da identificação cultural na América Latina. **Espaço e Cultura**, UERJ, Rio de Janeiro, nº 34, p. 195-230, jul./dez. de 2013.

FERNANDES, F. M. Geografia e literatura (ciência e arte): proposições para um diálogo. **Espaço e Cultura**, UERJ, Rio de Janeiro, nº 33, p. 167-176, jan./jun. de 2013

GHEDIN, E. FRANCO, M. A. S. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. São Paulo: Cortez, 2011.

GOBBO, B. A. **O conceito de natureza no Pantanal e a filosofia de Friedrich Nietzsche** – contribuições para a geografia e seu ensino. 2012. Dissertação. (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal da Grande Dourados.

GUATTARI, F. **As três ecologias**. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. São Paulo: Papius, 1990.

HOEFLE, S. W. Amazônia encantada: ética ambiental e identidade cultural. **Espaço e Cultura**, UERJ, Rio de Janeiro, nº 26, p. 72-92, jul./dez. de 2009.

MARTIN, G. R. R. **A Guerra dos Tronos**. São Paulo: Leya, 2010.

MOURA, S. M. S. R. de. ARAÚJO, M. de F. "Maternidade na história e a história dos cuidados maternos". **Psicologia Ciência & Profissão**, Brasília, v. 24, n. 1, pp. 44-55, 2004.

TOLEDO, L. S. **Representações Femininas na Literatura de Fantasia: Uma análise sobre a construção das personagens femininas em "As Crônicas de Gelo e Fogo"**. 2014. Monografia. (Graduação em Comunicação Social). Bacharelado em Publicidade e Propaganda, Universidade de Brasília.